

Módulo VI – Métodos de leitura

Método sintético

O método mais antigo que melhor se conhece é o método sintético – é um método que parte das partes para o todo, do desconhecido para o conhecido (é o método do be a bá).



Na escrita, é o método que se inicia com o traçado isolado de cada letra, e às vezes só parte dela, sem se saber o que ela significa, tendo de ser traçada dentro dum espaço limitado (papel de duas linhas) e logo nas proporções e nas inclinações devidas.

Na Escola ensinavam-se os nomes e o traçado de todas as letras do abecedário, isoladas umas das outras, sem o aluno saber o que era e para que servia aquilo e depois de bem sabidas era suposto que o aluno já sabia ler porque bastava juntar as letras e soletrar.

Assim um P e um a teria de fazer Pá, e um T e um o teria de fazer To, e depois tudo junto parecia evidente e inevitável que desse pato.

Hoje, para alguns professores, parece claro que um método destes e para ensinar seja o que for a crianças, é um absurdo:

- ✓ Porque a criança não tem a percepção das partes antes de conhecer o todo;
- ✓ Porque é fastidioso para a criança estar a trabalhar a partir do desconhecido, para que muito mais tarde, e só na cabeça do adulto, a criança venha a identificar o conhecido;
- ✓ Porque não tem lógica.

Senão vejamos a palavra pato. A letra P não vale P, porque só seria assim se tivesse um ê à sua frente - sozinha ela não tem som, ela simplesmente corresponde a uma posição do aparelho fonador e soará consoante a vogal que se lhe vier a colocar à sua frente - é por isso que se chama consoante, a ela e a mais dezoito letras do nosso alfabeto.

Vogais são o a, e, i, o, u, porque estes sim já têm voz própria, independente de qualquer associação com outras letras - se se juntar um Pê e um a, o mais que dá é Pêa. E como o Tê e o o sofrem do mesmo mal, não teríamos To, mas sim Têo. Como resultado lógico deste imbróglio seria um Pêatêo e nunca um Pato. Mas isto é conversa de adulto, porque para criança nem uma nem outra, como parece evidente, servem.

Na escrita também não se compreende como é que uma criança que ainda não domina a forma duma letra a há-de desenhar num espaço limitado e seu desconhecido.

Como limitação já lhe basta a forma estranha que cada letra tem - o que parece lógico é que lhe dêmos uma folha de papel liso, do tamanho do papel de máquina (A4) e pode ser que nele todo caiba uma letra que ele desenhe pela primeira vez. Assim, a criança só muito tarde começará a ler e a escrever palavrinhas, e mesmo assim, soletrando.

Método analítico ou global

Como contraponto ao método sintético que se considerou desadequado, apareceu a corrente pedagógico/didáctica a propor um procedimento totalmente inverso que consistia em partir do todo para as partes e do conhecido para o desconhecido.



Na aprendizagem da leitura e da escrita, o aluno aprende primeiro um texto escrito - à medida que contacta com o texto que já decorou, vai-se apercebendo a par e passo e à medida das suas capacidades, das suas partes componentes, tirando as suas conclusões.

É natural que a pouco e pouco e por ele comece a identificar palavras que lhe aparecem em todos e depois em alguns dos textos que já decorou - e assim comece a ler sozinho algumas palavras e mesmo algumas pequenas frases, que tendo algumas palavras que já conhece e outras que não conhece, conclua pelo sentido a frase completa que dirá - o aluno começa a ler quase sozinho.

Na escrita, o aluno vai escrevendo a frase ou frases cuja leitura já conhece como um todo, não distinguindo as letras nem as palavras, de início.

O papel usado será o liso, (sem linhas) para poder dar largas às suas dificuldades e falta de jeito, não interessando primeiramente o carreto traçado, proporção ou tamanho de cada letra, nem mesmo de cada palavra, porque o que interessa é o significado da mancha, isto é, ele perceber que passando para o papel uma determinada mancha, ela significa uma ideia que primeiro funciona em monólogo (só ele interpreta) para depois começar também a ser percebida pelo professor quando tornarem comuns os sinais (as letras) contidos em cada mancha, e começa o diálogo e a comunicação.

O todo e o conhecido era o texto decorado, porque os alunos percebiam e interessavam-se por cada história contada e as partes, e o desconhecido eram as letras, porque um P ou um B, que eram as partes, não eram deles conhecidas, e por isso não lhe despertavam qualquer interesse - tudo partia do global e por isso se chamou método Global.

Método natural

Este método é um método global, só que mais de acordo com os interesses vivenciais dos alunos - chama-se natural porque se quer tão natural quanto é natural a mãe falar com o filho sobre os seus brinquedos, estando ao mesmo tempo o filho a aprender a falar sem que a mãe esteja com a preocupação de lhe ensinar seja o que for.



Na iniciação da leitura e da escrita não se utilizariam livros de textos com histórias já previamente escritas e preparadas para o efeito - o professor em conversa espontânea com os alunos ir-se-ia apercebendo qual o assunto que mais empolgaria a maioria da turma - daí comporia pequenas frases, constituindo um pequeno texto que escreveria no quadro, por exemplo, e que o professor iria lendo com os alunos.

Esses pequenos textos é que iriam constituindo o livro de estudo da turma - os próprios alunos iriam também escrevendo esses textos, carimbando as letras numa folha, que depois seria policopiada para formar o livro de cada aluno com as histórias que todos propuseram durante um certo tempo (e sobre este livro se iriam fazendo os exercícios de leitura).

Métodos mistos

Como as ciências de educação - psicologia, pedagogia e didáctica - caem sempre no campo da subjectividade, isto é, dependem de quem as analisa e as aplica e onde, como e a quem são aplicadas, e como quase sempre os fundamentalismos nestas ciências não resultam pela diversidade das pessoas, começaram a aparecer opiniões de que o método ideal não seria puro, mas sim composto de uns passos duma corrente e uns passos de outra ou outras – e então foram aparecendo vários métodos de iniciação da leitura e escrita conforme as circunstâncias, procurando não fugir muito das normas correntes porque sempre são sustentadas por quem investiga e conclui.

Método Analítico-Sintético Legográfico

Muitos professores entenderam que nos métodos globais ou analíticos os alunos ficavam muito e excessivamente dependentes de si próprios, porque eram levados a

globalizar os textos, sem no entanto serem encaminhados até à análise da mais pequena parte constituinte da palavra – a letra.

Admitiam até que muito dificilmente escreveriam sem erros ortográficos, por eventualmente não distinguirem todas as letras de cada palavra e não entenderem a sua função de síntese nos vocábulos.

Muitos médicos psiquiatras e psicólogos culpam o método global pelos erros ortográficos que os seus pequenos pacientes dão, especialmente os que sofrem de dislexia e/ou disgrafia.

Muitos professores decidiram aplicar as vantagens próprias dos métodos globais, mas descendo em análise até à letra, para imediatamente a seguir proceder à síntese da mesma palavra, próprio do velho método sintético - supunha-se que assim o aluno, ao compreender a palavra e o seu significado contextualizado, e ao desmontá-la e ao voltar a montá-la, entenderia o mecanismo da leitura da referida palavra.

O professor faria por aparecer uma qualquer história, por exemplo dum gato, que funcionaria como centro de interesse e de contextualização, e que era a sua personagem, escrevia o nome no quadro preto e todos os alunos liam globalmente. Seguidamente, o professor levava os alunos a pronunciar a palavra devagarinho de modo a isolar as suas sílabas, e ainda mais devagarinho, isolando as letras, ficando:

gato

ga.....to

g...a.....t....o

Depois era fazer a síntese e ficaria: g...a.....t...o

ga.....to

gato

E o aluno depois fazia o traçado do g.

E procedia-se desta forma para todas as letras do alfabeto - chamava-se legográfico pelo facto da preocupação do ensino da leitura ser simultâneo com o ensino da escrita.

Começaram depois a aparecer opiniões que diziam que por este método os alunos não chegavam a treinar o exercício da globalização, porque imediatamente passavam à análise e ainda por cima até à letra, o que era considerado excessivamente precoce pelos globalistas e começavam logo no exercício de síntese, o que seria considerado violento por obrigar a criança a distinguir muito precocemente a ínfima parte da palavra – a letra, e logo a seguir proceder à técnica do b a ba.

Método das 28 palavras

Como reacção ao analítico sintético apareceu o método das 28 palavras - por este método também são contextualizadas progressivamente 28 palavras, que vão sendo globalizadas, lidas e escritas pelos alunos, começando muito cedo a analisar cada palavra, mas só até à sílaba.

O professor acaba por escrever a palavra numa tira de papel com cerca de 3 a 4 cm de largura e de comprimento suficiente, e através duma leitura lenta e sincopada determinar onde acaba cada sílaba – e à frente dos alunos corta-se a tira de papel de modo que todas as sílabas fiquem separadas - os alunos, com esses pedaços de papel/sílabas, reordenam/sintetizam novamente a palavra original.

Acabado o trabalho nessa palavra, o professor guarda todas essas sílabas num expositor da sala, começando a constituir um silabário – e por cada uma das 28 palavras procederá sempre como se disse. Mas logo de princípio começa também a constituir novas palavras, além das 28, constituídas com as sílabas já armazenadas no momento da análise das palavras antecedentes.

O professor propõe aos alunos que “cacem” as suas (descobrir novas palavras com as sílabas já existentes no silabário). E ao mesmo tempo vão escrevendo as palavrinhas, também com preocupações legográficas.

Método João de Deus

O Método João de Deus segue uma via completamente original, quando apresenta as dificuldades da língua de uma forma gradual, numa progressão pedagógica que constitui um verdadeiro estudo da língua portuguesa.



Verificamos que desde a primeira lição a criança é convidada e estimulada a ser - analista da linguagem - isto porque desde a primeira lição a criança tem um papel activo na descoberta de que a posição da letra na palavra determina o seu valor sonoro – a criança é levada a entrar num jogo, do qual vai aprendendo regras e vai evoluindo de uma forma construtiva – o processo inicia-se com a visão das letras, seguindo-se os sons correspondentes, a leitura de palavras e a pronúncia destas como entidades globais com significado próprio. Cada letra consoante é incluída numa lição em que estão reunidos os seus diferentes valores, as letras consoantes são ordenadas em função do seu número de valores, sendo ensinadas primeiro as que correspondem foneticamente a fricativas certas, ou seja aquelas que só tem uma leitura, um valor, um som.

Depois de apresentar as vogais, sem as quais não há palavras, as primeiras letras consoantes certas que se ensinam são v, f, j, (constritivas - fricativas) cujo valor se pode proferir e prolongar.

Depois o t, d, b, p, (oclusivas), que resultam de uma obstrução total da saída do ar, não tendo por isso, valor proferível - depois aparecem a constritiva lateral l e a oclusiva q - só depois aparecem as consoantes incertas, aquelas que têm mais do que um valor, mais do que um som, conforme a sua posição na palavra, são elas: c , g, r, z, s, x, m, n.

Nesta metodologia são respeitados os postulados da psicologia, partindo-se sempre do mais simples para o mais complexo - outro aspecto que marca a actualidade do método são as recomendações que faz aos professores, para que ajudem as crianças a sentir o funcionamento dos seus órgãos fonadores para melhor entenderem a imagem sonora e para uma melhor consciencialização da noção de fonema e da sequência de sons nas palavras.

Este método acentua o aspecto da compreensão, salienta as funções da memória, da atenção e do processamento mental da informação durante a leitura.

As palavras que a criança lê , activam esquemas da sua memória que a auxiliam na compreensão do seu significado - desta forma a criança consegue fazer a integração das palavras lidas em contextos do mundo real.

Estratégias de intervenção

Existem algumas metodologias e estratégias que devem ser adoptadas para que a criança disléxica desenvolva as suas competências de leitura e escrita.

Os diversos agentes educativos implícitos neste processo, país, família, psicólogos e educadores têm um papel fulcral no processo de ensino-aprendizagem de uma criança com necessidades educativas especiais, para que ela adquira ou reforce competências.

Deverá haver uma interacção entre todos agentes, para que os resultados sejam positivos e benéficos para a criança com necessidades educativas, auxiliando-a a progredir no quotidiano.

Os métodos são diversos mas os mais comuns são:

- ✓ método analítico;
- ✓ método sintético (que é considerado estritamente fonológico);
- ✓ método fonológico.

Numa dislexia de natureza auditiva é aconselhável utilizar-se o método analítico, na dislexia visual deve-se aplicar o método sintético e na dislexia fonológica deve-se utilizar o método fonológico.

Diversas associações de dislexia promovem activamente a utilização dos métodos multissensoriais, como a aprendizagem multissensorial (a leitura e a escrita são actividades multissensoriais).

As crianças têm que olhar para as letras impressas, dizer, ou subvocalizar, os sons, fazer os movimentos necessários à escrita e usar os conhecimentos linguísticos para aceder ao sentido das palavras.

São utilizadas em simultâneo as diferentes vias de acesso ao cérebro, os neurónios estabelecem interligações entre si facilitando a aprendizagem e a memorização.

Estruturado e Cumulativo – organização dos conteúdos a aprender segue a sequência do desenvolvimento linguístico e fonológico - inicia-se com os elementos mais fáceis e básicos e progride gradualmente para os mais difíceis.

Os conceitos ensinados devem ser revistos sistematicamente para manter e reforçar a sua memorização.

Ensino Directo, Explícito – os diferentes conceitos devem ser ensinados directa, explícita e conscientemente, nunca por dedução.

Ensino Diagnóstico – deve ser realizada uma avaliação diagnóstica das competências adquiridas e a adquirir.

Ensino Sintético e Analítico – devem ser realizados exercícios de ensino explícito da fusão fonémica, fusão silábica, segmentação silábica e segmentação fonémica.

Automatização das Competências Aprendidas – as competências aprendidas devem ser treinadas até à sua automatização, isto é, até à sua realização, sem atenção consciente e com o mínimo de esforço e de tempo.

A automatização irá disponibilizar a atenção para aceder à compreensão do texto - um dos princípios básicos na vida dos disléxicos que pode ajudar a adquirir competências é a rotina porque os disléxicos necessitam de estruturação e de organização nas suas vidas.

Quer pais como professores podem aplicar algumas estratégias que ajudarão a criança disléxica, por exemplo:

- ✓ devem fornecer instruções explícitas, tal como os enunciados devem ser claros, curtos, com letras bem legíveis e espaços adequados entre as palavras – e se necessário, as instruções deverão ser complementadas com informação oral;
- ✓ os professores devem tentar desenvolver métodos de ensino multi-sensoriais - uma vez que materiais que implicam o uso da visão, do tacto e da audição são meios importantes de aprendizagem para estas crianças;
- ✓ o professor deverá ainda promover uma visão positivista da leitura, para que a motivação seja cada vez maior;
- ✓ o disléxico deve ter apoio suplementar com reforço positivo constante perante a leitura;
- ✓ deve tentar-se minimizar o efeito rotulador do diagnóstico da dislexia, que poderá danificar a auto-estima da criança ou diminuir as expectativas que esta tem em relação a si própria ou aquela que os outros têm a respeito dela;
- ✓ os padrões de leitura de pais, professores e alunos deverão servir de modelo à criança com dislexia para que ela compense e elimine os padrões típicos da dislexia;
- ✓ é importante mostrar à criança que a leitura é algo importante mas alguém terá de lhe ler primeiro - tal como também se devem reforçar competências de leitura fundamentais, como o som, a letra e o reconhecimento de palavras através da utilização de todo o tipo de materiais, incluindo o próprio corpo, para desenhar as letras.

Especificamente, dentro da sala de aula com crianças disléxicas, podem adoptar-se diferentes metodologias da linguagem. Segundo Henningh (2003) existem 4 técnicas:

- ✓ leitura partilhada;

- ✓ leitura silenciosa orientada;
- ✓ ensino através do recurso a pares;
- ✓ tutorias estabelecidas com alunos de diferentes idades.

Todas estas estratégias e metodologias vão variar consoante a idade e o nível de competência real da criança, tendo de se adequar às características da mesma.

No entanto, estes métodos e estratégias dependem da precocidade da descoberta da dislexia; da extensão e da diversidade das perturbações e do comportamento da reeducação e da participação da criança e dos familiares.

Existem, facilitadores ou barreiras que poderão ajudar ou dificultar todo o processo de aprendizagem e de desenvolvimento das competências da criança dislexia.

Reeducação

Plano de intervenção e reeducação em dislexia

O processo de intervenção exige um plano, aqui ficam algumas ideias:

Identificação dos sons das palavras:

- ✓ identificar vogais;
- ✓ identificar letras com sons semelhantes;
- ✓ identificar letras com som semelhante mas com diferente orientação espacial;
- ✓ identificar sons foneticamente próximos;
- ✓ identificar consoantes com som duplo;
- ✓ identificar consoantes acompanhadas de “u” mudo;
- ✓ identificar consoantes acompanhadas de “u”;
- ✓ identificar sílabas com ditongos orais e nasais;
- ✓ identificar grupos de consoantes.

Identificação dos elementos que compõem as palavras:

- ✓ identificar terminações verbais e conjugar os elementos verbais;
- ✓ identificar palavras derivadas por prefixação;

- ✓ identificar palavras derivadas por sufixação;
- ✓ identificar palavras compostas.

Desenvolvimento do vocabulário:

- ✓ identificar e desenvolver o vocabulário, através do uso de conectores e articuladores lógicos como é o caso de artigos, conjunções, preposições, adjectivos e advérbios.

Identificação e posterior divisão de palavras:

- ✓ estimulação da correcta divisão das palavras em sílabas.

Acentuação de Palavras:

- ✓ acentuar correctamente as palavras.

Corrigir inversões cometidas em sílabas e palavras:

- ✓ corrigir as inversões de letras em sílabas e corrigir as inversões da ordem das sílabas nas palavras.

Compreensão da Leitura:

- ✓ desenvolver a compreensão.

Motivação para a escrita:

- ✓ aumentar o gosto pela escrita e da capacidade de produções individuais.

Este plano de reeducação fundamenta-se principalmente na natureza da leitura e da escrita e no diagnóstico das dificuldades específicas da criança - deve iniciar-se pelo item em que foram detectadas mais dificuldades na criança após avaliação e consequente diagnóstico.